OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

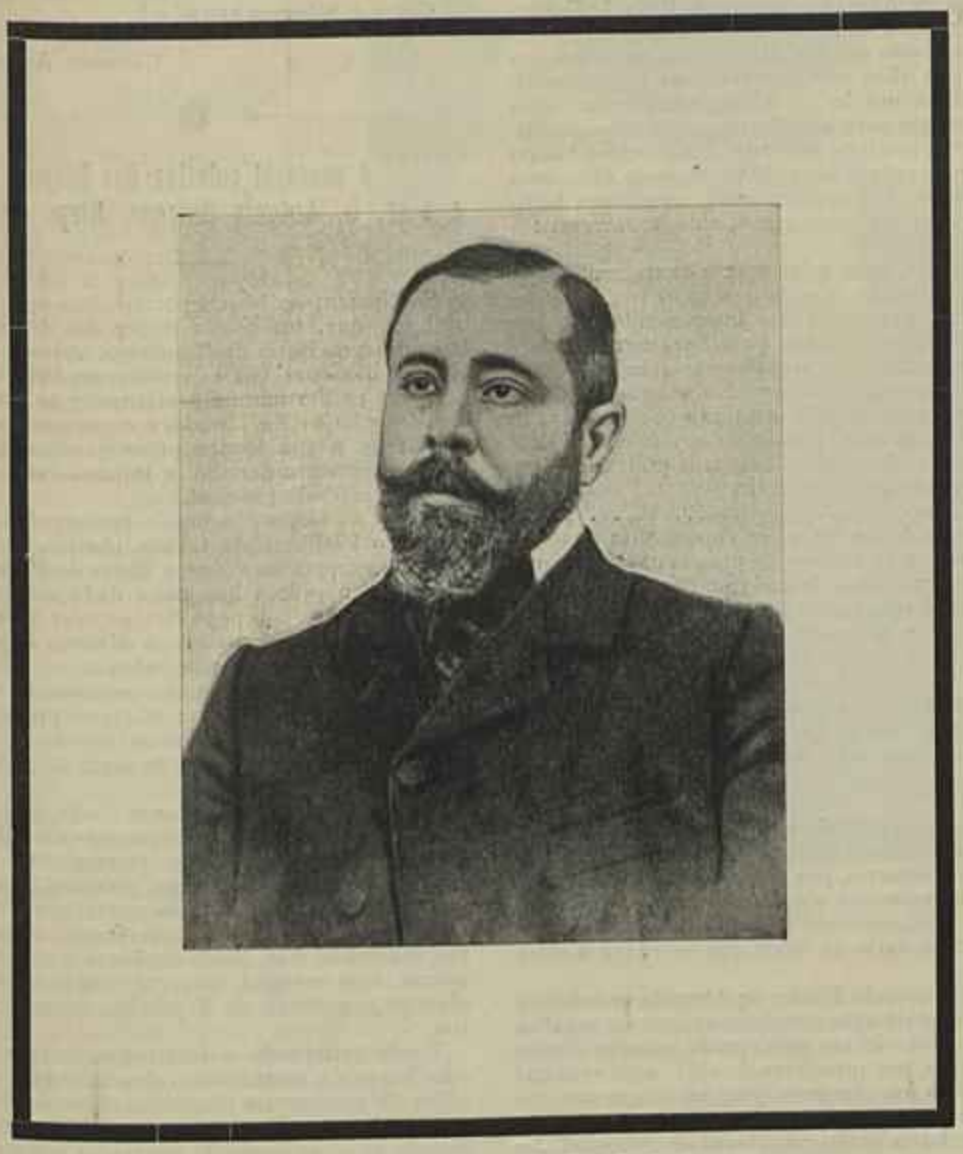
Preços de assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem.....	4$000	2$000		
Extrangeiro e India....	5$000	2$500		

34.º Anno — XXXIV Volume — N.º 1160

20 de Março de 1911

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.



FIALHO D'ALMEIDA

Aos nossos assignantes

Em consequencia da *gréve* dos tipografos sae este numero do OCCIDENTE atrasado assim como os subsequentes até ficar em dia.

Deste atraso, motivado por força maior, pedimos desculpa aos nossos assignantes, certos de que empregaremos todos os esforços, para que seja o menor possivel.

A ADMINISTRAÇÃO.

CHRONICA OCCIDENTAL

No momento em que a chronica está sahindo de um tinteiro e dos bicos de uma penna e passando se ao papel, dá-se o seguinte caso sem precedentes em Portugal: um ministro de estado deixa a sua pasta por alguns dias, para se apresentar em concurso de provas publicas como candidato a uma cadeira num estabelecimento de instrucção publica.

Isto, porém, não é o que importa á chronica. O que lhe importa, no caso especial de que se trata, é o assumpto que esse ministro escolheu para a sua dissertação de concurso.

O sr. dr. Affonso Costa — é elle o candidato — interessou-se pelo problema da emigração, e sobre elle produziu um trabalho exhuberante, merecedor dos mais altos elogios. Mas lê a gente todo esse livro de muitas paginas, em que quasi só se dá o summario do que se ha de fazer para modificar os males e os perigos da emigração, e do mal menor tirar o maior proveito nacional, e fica mais triste do que d'antes: porque sente que tudo isso se poderia fazer, e sabe que nada d'isso se faz!

O que determina a saida de tantos emigrantes portuguezes é a miseria profunda em que o paiz se encontra, e essa miseria é consequencia, em grande parte, da ignorancia em que os governos mantiveram as populações trabalhadoras.

Sobretudo, a vida do nosso homem do campo é compungente de animalidade. Vive dia a dia, um tanto á mercê do acaso, labutando desesperadamente, e quasi sempre com insuccesso.

Por isso vão para longe os seus braços robustos, o seu ardor do trabalho, as suas esperanças, as suas energias, aqui desaproveitadas.

Assim se vão escoando as populações válidas, que as desgraçadas condições do paiz condemnam aqui a uma existencia miseravel.

Comtudo, nós temos numerosos terrenos desaproveitados e um importante deficit de producção, a ponto de offerecermos annualmente ao estrangeiro milhares de contos em ouro pelo pão, pela carne, pelo arroz, pela batata, que não temos.

Fazemos a prosperidade dos paizes novos pelo esforço dos braços dos nossos homens do campo, e não sabemos dar a esses mesmos homens a segurança sequer do pão de cada dia n'esta nossa terra!

Quem quer que tenha tido occasião de percorrer o paiz, de atravessar as suas aldeias, as suas pequenas cidades, ou os seus povoados dispersos, deve ter visto em que deploravel desconforto ou miseria decorre a vida da maior parte dos filhos d'esta nossa terra!

No verão, pelas estradas soalhentas, a petizada semi-nua precipita-se atraz das carruagens, implorando esmola, n'uma desolante toada lamurienta. A' porta dos casebres rusticos, mulheres sujas, esfarrapadas, perscrutam anciosas o resultado da pedincha. Sob o alegre véo dourado e irisante em que a natureza envolveu esses valles, essas planicies, essas montanhas matizadas e rudes, vive a mais horrivel e a mais abandonada das colmeias humanas.

No verão, é insupportavel; mas no inverno não póde imaginar-se maior desconforto do que n'esses casinhotos de paredes humidas onde vive muita gente dos campos.

Nas noites sombrias, quando o vento assobia nos carvalhaes, defendem-se do frio aconchegados á lareira, onde crepita o lume — se foi possivel ir colher maravalha e pinhas, nos montes distantes. E, por ultimo, embrulham-se nas mantas de farrapos deitados nas suas magras enxergas, sobre as quatro taboas grosseiras, que, assentes sobre dois bancos de pinho, são a cama.

Depois, quantas vezes o jornaleiro, o homem sem eira nem beira se vê na necessidade de esperar, para comer, que a mulher e os filhos alguma coisa recolham na sua peregrinação pelos casaes mais felizes!

E' para fugir a estas vicissitudes, que das nossas populações ruraes sae tanta gente. Uma parte emigra para as cidades, em procura de melhor fortuna, e essa emigração produz de ordinario as grandes crises de trabalho, tão difficeis de debellar e que contribuem para exhaurir os cofres publicos; e outra parte, a mais numerosa, vae para mais longe, em busca de terras desconhecidas.

Não é o espirito da aventura que todos os annos leva vinte e trinta mil portuguezes, é a necessidade, a horrivel miseria, que os opprime e esmaga.

Não é, não, o espirito de aventura que enche os transatlanticos em Leixões e no Tejo de milhares de portuguezes sadios, sobrios, trabalhadores e honestos, para os despejar nas longinquas terras. Essa não é como a gente soffrega de ouro e dementada pelos appetites da grandeza, que no seculo XVI enchia as galeras que iam na demanda da India, e que ou por lá ficaram, ou vinham a acabar no regresso, ao longo da demorada derrota. Esta é a gente miseranda, acossada pela necessidade propria e dos seus, que quasi sempre só embarca quando vê exgotados os ultimos recursos.

Ella parte ralada de saudades, com a sua aldeia impressa profundamente na sua alma ingenua, a recordação sempre viva das suas festas ruidosas, dos costumes semi-pagãos dos trabalhos dos campos, das manifestações rudes das suas crenças simples, das romarias celebres, dos seus valles, dos seus rios, das suas serranias, das suas veigas.

Vae a caminho de paizes para elle quasi lendarios onde a vida é sempre dura e onde tantos succumbem. Porque ella sabe que além-mar, muita vez, as alegrias da esperança mudam nos negrumes do tumulo. Em certas terras, quando um homem casado embarca para o Brazil, a mulher e os filhos vestem-se de luto. Vae para tudo o que a sorte quizer, comtanto que possa valer aos seus, libertar as suas terras compromettidas, ou adquirir, ao fim d'uns annos de trabalho insano, um modesto pedaço de terra, a que chame seu.

Mas o nosso emigrante, na sua maioria sem saber ler, simples e rude trabalhador dos campos, não póde achar fóra da patria senão os mais baixos, os mais pezados, os menos appetecidos misteres. D'ahi, tanta vez, o seu insuccesso miserando!

João Prudencio.

Fialho de Almeida

Morreu! Eis o que um telegrama de Cuba noticiou no dia 4 deste mez com toda a cruel realidade de uma grande perda.

Morrido para a Arte tinha Fialho de Almeida desde o momento em que seu espirito se afundou nos meandros da politica, escreveu um seu panigirista.

Pelo mesmo motivo, escreveu ainda um outro seu panigirista, elle se suicidou!

Quem o sabe?!

Entretanto, Fialho, aquelle grande insubmisso, tão grande como o seu talento, pautou os ultimos dias da sua vida, como o mais vulgar burguês, fazendo testamento, dispondo dos seus bens em varios legados, e até levou a meticulosidade das suas contas com o proximo, a ir elle proprio pagar as férias, no fim da semana, aos trabalhadores das suas terras, em Villa de Frades.

Na volta disse ao cocheiro que apressasse o andamento da parelha, pois receava não chegar a casa vivo. De facto, pouco depois de tomar um caldo e comer um bife, recolheu ao seu gabinete, onde uma creada o foi encontrar expirando! Preparou elle esta morte?...

Morreu pelo coração, quero crer. Devia ter sofrido muito para chegar áquelle desenlace.

Operara-se uma grande transformação no fisico e no moral de Fialho de Almeida. Criou barriga, engrossou, cresceram-lhe as barbas, tomou o aspeto de um lavrador, ultima fase da sua vida. O seu espirito iluminado de uma grande luz, fusilando-lhe dos olhos penetrantes com que desentranhava os defeitos de uma sociedade decadente, concentrou-se, carregou-se de nuvens, entrou em tristeza, que nem o contacto com a terra mãe, a que pareceu entregar-se, salvou com toda a san filosofia que ella dá ao homem.

Elle não podia ser superior á sua essencia de combativo contra tudo e contra todos, dominado por uma paixão que só lhe deixava ver defeitos e despresar qualidades. D'ahi a sua critica acerba não encontrando nada que louvar e antes tudo que estigmatisar, irritante, quantas vezes inconveniente, com que se isolou no meio da sociedade, onde só triunfou pelo talento a despeito da aversão de muitos, mal compensada pela simpatia de poucos.

O que lhe azedou tanto o espirito? A luta dos primeiros annos a que elle alude no seu livro *A' Esquina*, para de praticante de farmacia chegar a possuir o curso de medicina, de que afinal não fez uso? Mas estas lutas são vulgares na vida de muitos, que nem por isso se põem em conflito com a humanidade.

Era o seu temperamento.

O tempo foi andando e o autor dos *Gatos*, essa obra genial de critica, entrando em annos, amadurecendo e meditando, reconheceu, por ventura, quanto a paixão o cegara tornando-o muitas vezes injusto, e por que elle não era um mau, mas um insubmisso, superior a todas as conveniencias e hipocresias, entendeu retrair-se, acaso, pretendeu até entrar em outro caminho que melhor lhe pareceu, para afinal vir naufragar na politica.

A Arte, porém, ficou de pé. O grande artista das letras deixou tanta luz na sua obra, tantos primores da sua pena arrancados á lingua de Camões, em que elle revolve toda a gamma das suas côres para produzir os mais bélos quadros de originalidade surpreendente, que viverá nessa obra, gloria da sua memoria e gloria da literatura portuguêsa.

*

Fialho de Almeida nasceu em Villa de Frades por 1857; filho de um professor de instrução primaria, foi este que lhe dirigiu seus primeiros estudos. Em 1866 veio, porém, para Lisboa continuar sua educação no Colegio Europeu. Sahiu desse colegio para uma farmacia do largo do Mitello, onde praticou sete annos, ao mesmo tempo que ia cursando o liceu. Mas, sêgundo elle conta no seu livro *A' Esquina*, nesses sete annos habilitou-se com um outro curso, e assim escreveu:

«A botica para mim teve a vantagem de me pôr em contacto absoluto com o povo, de me mostrar a existencia dos bairros pobres, numa cidade onde o operario envelhece sem a menor ideia de conforto, e cumulativamente ensinou-me o manoseio e preparo dos venenos, arte de que me tenho servido com exito para rebentar diversas ratazanas. Durante esses sete annos de emplastos e de pilulas, ninguem póde imaginar os tormentos que eu passei.»

.....

«Ás oito horas da noite começavam a entrar os da palestra; armava-se uma conversinha pulada sobre os casos do bairro e da politica: havia o gracioso, o sensato, o espirito inventivo, o intransigente e o erudito, que soadas as onze horas depois de se terem envenenado tres horas do azedume dos seus ordenados famelicos e dos seus azares de familia embirrativos, debandavam aos pares, erguendo as golas dos fraques, e concordando em que não havia senão ladrões neste país.»

E' prefeita copia do natural, e sob a impressão deste naturalismo Fialho de Almeida principiou sua tarefa literaria, por 1880, anno em que a evocação da memoria de Camões era o primeiro sinal de renascimento desta patria pela celebração do centenario do épico que acordava a alma do povo.

Pois foi quando Fialho de Almeida se estreiou nas letras, e de suas primicias se honra e orgulha o Occidente de ter participado quando Fialho de Almeida, por principios de 1881, aqui veio enfileirar-se a par dos principaes escritores que colaboravam nesta revista (1).

Fialho havia então completado o curso do liceu e matriculado-se na Escola Politecnica, para seguir o curso de Medicina, quando a morte de seu pae o obrigou a ir á sua terra natal, cuidar de negocios da familia que ficava em más circumstancias. Passado um anno voltou para Lisboa a matricular-se na Escola Medica, lutando com grandes dificuldades porque os meios eram pouquissimos, e só á força de trabalho, colaborando em diccionarios, jornaes e revistas, dando explicações aos condiscipulos, etc., conseguiu completar o curso.

Entretanto a paixão das letras tinha-o dominado; todo o esforço que fizera para se habilitar com a sua carta medica, ficou inutilisado, porque elle preferiu entregar-se completamente á vida literaria.

A sua obra não brilha tanto pela quantidade como pela qualidade. Critico original, de profundada observação a que não escapava o mais oculto ou disfarçado defeito, produsiu *Os Gatos*, essa coleção de folhetos de critica, mordaz, ferindo sem piedade fosse a quem fosse, pondo a nu todos os vicios de uma sociedade corrupta.

(1) Vide Occidente, vol. IV de 1881 e seguintes.

Não menos elegante na fórma literaria do que as celebres *Farpas* de Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão, *Os Gatos* avantajam-se-lhe pela virolencia da critica.

Os livros *Pasquinadas*, *Vida ironica*, afinam pelo mesmo diapasão. Sempre, na brilhante fórma literaria da sua pena, deixou *A cidade do vicio*, *O pais das uvas*, *Lisboa galante*, *Contos* e *A' Esquina*.

Chegou um momento, porém, em que Fialho de Almeida parece se cançou de tanto criticar, sem, acaso, atingir os fins que se propunha lutando pelos humildes e indispondo-se com os poderosos.

Era um vencido!

Abandonou as letras e foi afogar a sua paixão na terra mãe, entregando-se á agricultura.

Quando vinha a Lisboa, tratar dos negocios da sua lavoura, não era o mesmo Fialho doutros tempos.

Triste, desiludido, apreensivo, nem sequer a boa terra e o bom ar da campina lhe tinham dado aquella tranquilidade de alma que elle, por ventura, nellas tinha querido encontrar.

Acaso a procurou elle, por fim, na paz do tumulo?!...

Como é doloroso pensal-o!

Caetano Alberto.

A pastoral coletiva dos Bispos e o sr. D. Antonio Barroso, Bispo do Porto

Publicaram os bispos portuguêses uma pastoral, em que, fazendo a critica dos decretos do governo provisorio da Republica, aprovavam algumas das suas leis e censuravam outras. Essa pastoral porém não foi previamente apresentada ao beneplacito do Estado, e o governo mandou suspender a sua leitura pelos parocos, que os bispos haviam ordenado, e intimou estes a retirarem a referida pastoral.

Todos os bispos, incluindo tambem Sua Eminencia o Patriarca de Lisboa, obedeceram á intimação excepto Sua Ex.ª o Bispo do Porto, que sustentou a ordem que tinha dado aos parocos da sua diocese, sob pena de lhes tirar as ordens.

Em presença deste facto, o ministro da justiça, sr. dr. Affonso Costa, telegrafou ao sr. D. Antonio Barroso para que se apresentasse imediatamente em Lisboa, o que o digno prelado fez, chegando á capital no comboio rapido do Porto, pelas duas horas e meia da tarde de 7 do corrente.

Em casa do sr. dr. Affonso Costa, onde o sr. D. Antonio Barroso foi condusido em automovel, foi-lhe feito um largo interrogatorio, pelos sr.s drs. Manuel de Arriaga, procurador da Republica, e Germano Martins, secretario daquelle ministro. Esse interrogatorio durou cinco horas, mantendo o sr. Bispo do Porto a sua atitude serena, mas energica, sem que com isso quizesse ofender o governo da Republica, como o declarou.

Tendo terminado o interrogatorio cerca das oito horas da noite, pouco depois reunia o conselho de ministros e resolvia distituir de Bispo o sr. D. Antonio Barroso, por um decreto, cuja sumula se lê no seguinte telegrama circular que o governo logo expediu a todos os governadores civis:

«O conselho de ministros acaba de resolver, sob consulta da Procuradoria Geral da Republica, que o bispo do Porto seja imediatamente destituido, declarando-se vaga a sé portuense para todos os efeitos. Os bens pessoaes e todos os papeis do ex-bispo serão entregues a qualquer procurador seu, integralmente e sem que sejam examinados ou apreendidos.

Os padres que nos dois ultimos domingos se limitaram a obedecer ás ordens episcopaes, lendo a pastoral coletiva, sem injurias nem ameaças para a Republica, suas autoridades e leis, e que não provocaram nem influiram em quaesquer motins, foram amnistiados, ordenando-se a soltura imediata dos que estiverem detidos, desde que se comprometam a respeitar d'ora avante as determinações do poder civil, quaesquer que sejam as ordens que sobre assuntos não estritamente espirituaes lhes derem os seus prelados: — o que v. ex.ª cumprirá mesmo em relação aos padres que pertencerem a distrito diverso do seu, e estiverem á sua disposição ou de qualquer dos seus administradores, dando-me conta especifi-

cada do cumprimento desta determinação e indicando os nomes dos padres que ficam presos ou com mandado de captura por terem cometido algum crime além do da leitura da pastoral.

O conselho de ministros resolveu ainda que em atenção aos serviços que D. Antonio Barroso prestou á patria portuguêsa no ultramar e ás suas virtudes pessoaes, lhe seja concedida uma pensão vitalicia pelo ministerio das colonias. Queira v. ex.ª transmitir aos seus subordinados, para que o façam saber a todos os cidadãos, as determinações do governo e a sua firme resolução de manter intactos os direitos do Estado e a liberdade de consciencia dos cidadãos, com pleno respeito pela religião que professam.»

A pensão a que se refere esta circular é de 1:200$000 réis por anno.

O sr. D. Antonio Barroso, recolheu ao Seminario das Missões Ultramarinas em Sernache do Bom Jardim, ficando impedido, até nova resolução do governo, de voltar ao Porto ou a qualquer terra daquelle bispado.

Exposição açoriana em 1911

Ainda deve estar na memoria de muitos antigos lisbonenses a brilhante apresentação da industria açoriâna na exposição industrial realisada em Lisboa, na Avenida da Liberdade, em 1888. Ali, os productos das ilhas dos Açôres e Madeira, ocupavam todo um vasto annéxo edificado transversalmente ao fundo do pavilhão principal e lembra-nos quanto chamava a atenção o variegado e excellente aspéto do mostruario ali exibido, revelador da actividade industrial dos habitantes d'aquellas formosas ilhas, verdadeiras joias emergindo do Occeano.

Mais tarde, em 1901, tivemos tambem ocasião de visitar um outro notavel certamen agricola e industrial dos Açôres, que teve logar na cidade de Ponta Delgada, magnificamente instalado n'um dos formosissimos jardins-parques da cidade, os quaes são um assombro pela sua variadissima e frondosa arborisação e flora, de que a ilha de S. Miguel parece ter privilegio no mundo.

N'aquelle local, em interessantes pavilhões repletos dos mais diversos objectos, podémos observar e admirar a produção do labôr açoriâno bellamente representado; lembra-nos que o atractivo, o *clou* d'aquella notavel exposição insular, era porém uma casa aldeã da Bretanha (pequena aldeia micaelense edificada por antigos bretões emigrados, nas faldas das Cumieiras), tendo a fórma architectonica e disposição interior tradicional franceza e onde tambem as camponezas executavam o seu trabalho profissional de tecelagem.

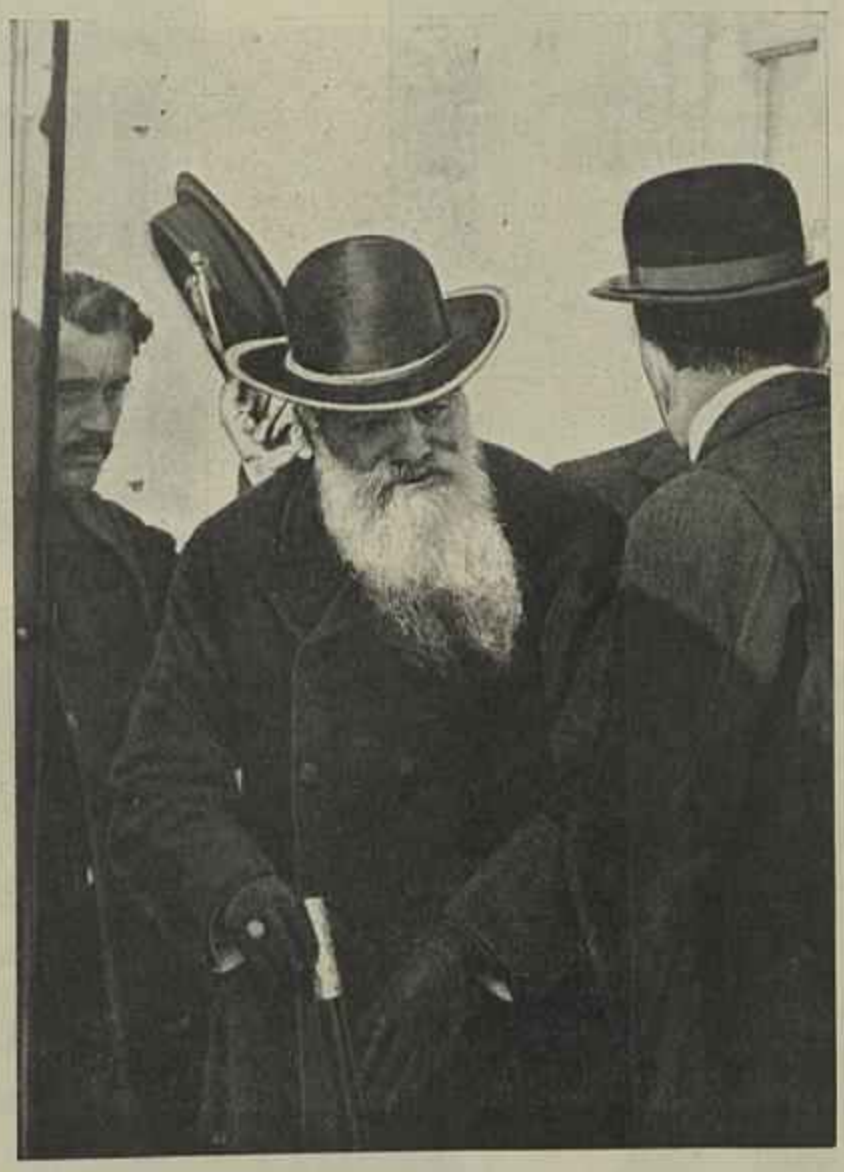
Poucos annos são volvidos depois d'esse certamen e já agora n'este actual anno, no dia 1.º de janeiro, teve logar na cidade de Angra do Heroismo a abertura solemne de uma nova e excelente exposição do mesmo genero das precedentes, a que concorreu em soberba parada o melhor do trabalho industrial das lindas ilhas do archipélago dos Açôres, a convite da sua historica irmã, a Terceira, ilha de tão surprehendentes aspectos paysagistas, como é o do Monte Brazil, os campos da Praia da Victoria, os ridentes alcantilados dos Biscoitos e da Serrêta, entre outros que já percorremos.

Desde já asseveramos que não nos surprehendeu esta nobre tentativa, conhecendo o muito que se trabalha em Angra, como tivemos ocasião de verificar na vizita official de inspeção industrial, que ali fizemos em 1904.

Foi devido ao esforço d'um prestimoso terceirense, o sr Alfredo de Campos, publicista e professor da Escola Industrial «Madeira Pinto» d'aquella cidade, muito coadjuvado tambem pelo director da mesma escola, o sr. Cyriaco Tavares da Silva, que poude levar-se a cabo a organisação do magnifico certamen, a que chamaram *Concurso industrial, commercial e agricola de Angra do Heroismo.*

Foi, organisando se o Museu da Escola «Madeira Pinto», que veiu a ideia de alargar o emprehendimento e fundal-o com uma bella exposição de productos do archipélago, do continente e ainda do estrangeiro, principalmente do Brazil.

Para tal fim adoptou-se, concedida licença, o palacio do governo civil de Angra, como sendo a edificação mais ampla da cidade, para tal fim; o seu exterior é de singela architectura, mas internamente tem amplas e apaineladas salas, onde se alojaram o imperador D. Pedro IV e o rei D. Carlos I.



Sua Ex.ª Revd.ma, D. Antonio, Bispo do Porto, na sua chegada a Lisboa

No seu amplo antigo salão de baile é que teve logar a inauguração oficial do certamen, na data já referida, sendo presidido o acto pelo actual Governador Civil substituto sr. Barcellos Borges, rodeado de auctoridades locaes e da mais selecta sociedade terceirense, que muito admirou a grande variedade de productos artisticamente dispostos nas cinco grandes salas e salão do palacio governamental e festejou calorosamente os principaes promotores da exposição.

O pouco espaço que no Occidente nos é concedido, não permite o entrarmos em minudencias e assim, muito succintamente, vamos notar alguns aspectos do certamen concurso, auxiliado por indicações particulares e descriptivas da *União*, bem redigido jornal da localidade.

Logo á entrada do palacio, no atrio, avultam alfaias agricolas de madeira e ferro, sinos fundidos em Ponta Delgada, assim como varias photographias e armas antigas do Museu de Artilheria de Lisboa.

Subindo a ampla escada admiram-se desenhos de alumnos de varias escolas industriaes de Lisboa e Porto.

A primeira sala foi destinada á exposição de variados productos de Portugal, taes como, materiaes de construcção, ladrilhos, azulejos e mosaicos, peças para aparelhos de electricidade, photographias de diversas fabricas do territorio da republica portugueza e ainda modelos em relêvo de varias escolas industriaes.

A segunda sala foi dedicada a productos agricolas e a objectos de louça e faiança artistica e de uso, de fabricação tanto do continente, como insulânas.

Na terceira sala destacam-se pinturas de diversos quadros e retratos de açoriânos notaveis, entre os quaes sobresahe o do extraordinario poeta Anthero do Quental.

Expostos na quarta sala admiram-se principalmente ricos e variados paramentos da Sé de Angra e outros templos das ilhas, assim como bem acabadas imagens em madeira e marfim; figuram tambem n'ella bons trabalhos dos estudantes da escola industrial «Madeira Pinto.»

E' a quinta sala dedicada a delicados e interessantes lavôres femininos das ilhas e continente, dispostos em elegantes vitrines, notando-se gentilmente em logar de honra, as rendas de Peniche; chamam ali tambem a atenção geral oito curiosos quadros em relêvo, representando aspectos architectonicos e paysagistas, feitos com productos marinhos, taes como conchas, madrepérolas, algas, etc., pacientemente elaborados em fins do seculo XVIII pelas mãos de uma freira do convento da Conceição do Rio de Janeiro.

Tambem na mesma sala vêem-se materiaes de construcção, em obra, calçado e outros objectos de industria das Ilhas, de Angola e do Brazil.

E' porém no grande salão do palacio do Governo Civil, onde teve logar a leitura e assignatura do auto da inauguração, que a exposição atinge o maior realce; é ali tambem que em coreto expressamente levantado, tem tido logar ás quintas feiras e domingos, concertos musicaes pela banda militar; para o que numerosas lampadas eléctricas elegantemente dispostas iluminando exuberantemente todas as salas, permitem a exposição nocturna, sempre muito concorrida.

E' dedicado o salão ao trabalho industrial das Ilhas, aos seus lavôres, aos seus tecidos, e a numerosissimos objectos de arte aplicada antigos e modernos, cedidos para esta exposição por muitos particulares da historica cidade, tudo disposto em *vitrines* e estantes. Chama logo a atenção geral a phantasiada ornamentação do tecto do salão, em que cobertores e colchas fôram dispostas de maneira a formar grandes borboletas; no salão, em logar de honra, ergue-se sobre plinto cercado de belas plantas ornamentaes, um excelente busto da Republica.

N'esta sala estão expostos, como dissemos, os productos industriaes mais notaveis das Ilhas, assim a do Fayal apresenta-se com os seus bordados, flôres artificiaes e diversos artigos fabricados, entre os quaes vêem se chapeus, bonets, tapetes, malas, cabazes, etc.

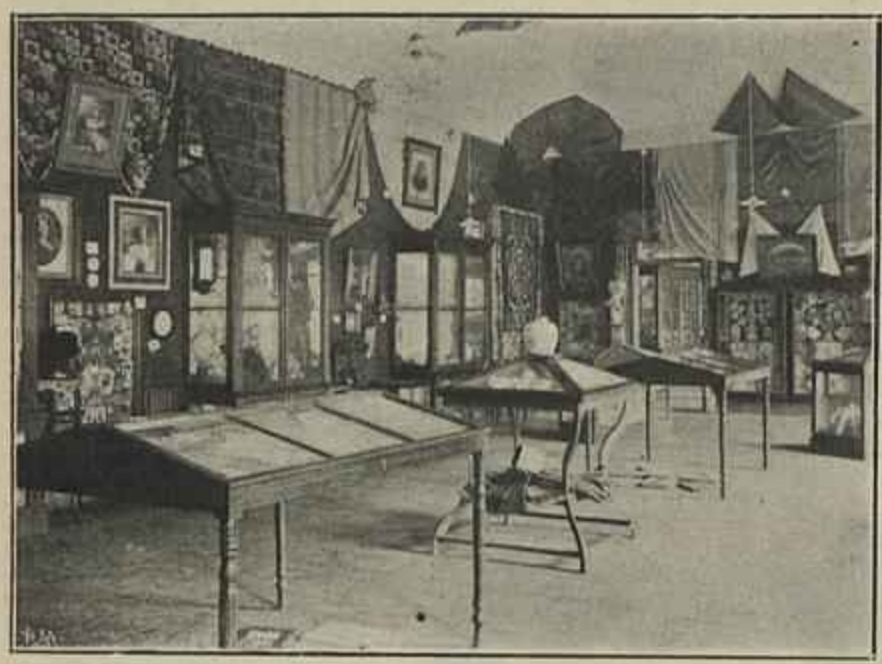
A sua vizinha ilha do Pico expõe objectos, tecidos, mantas, gravatas, rendas; e outros feitos com palha e verga, como artisticas esteiras, cestos de varios desenhos e fórmas.

A ilha de S. Miguel bate as suas irmãs, com magnifico mobiliario de ornamentação entalhada e boas photographias da sua encantadora e assombrosa natureza, mixta de alpestre e plutónica.

O *clou* do certamen, a admiração dos visitantes insulânos que o visitam é a exhibição que na mesma sala ostenta a pequena ilha do Côrvo, tão distante das suas outras irmãs, como sentinela perdida no immenso Atlantico e á qual só de tres em tres mezes lá vae o paquete de Lisboa.

Pois do seu *esplendido isolamento* tirou partido a pequena população do Côrvo, manufacturando as mais variadas industrias, isentando-se de quasi toda a importação externa, assim, não falando em productos agricolas e objectos de uso caseiro, são inumeras as aplicações em linho e em lã, desde o tratamento das materias primas ás mais variadas e bem apresentadas fabricações de pannos, atoalhados, colchas de coloridos desenhos;

Exposição Açoriana de 1911



Aspetos das salas da Exposição, no palacio do Governo Civil de Angra do Heroismo *(De fotografia)*

Inauguração da nova Igreja dos Anjos

Vista exterior da nova Igreja dos Anjos

não faltando rendas, crochets, macramés, guipures, matizes e ainda variados artigos feitos de lã para roupa, vestuario, calçado, etc.

A ilha Terceira apresenta se por ultimo com interessantes tapetes e capachos feitos de corda e esparto; varia mobilia, delicados bordados a branco, a crivo, a filosel; artisticas guarnições de seda para sala e quarto; delicados trabalhos de marfim; algumas bem esculpidas imagens de madeira, coloridas; a installação é realçada por variados objectos de adorno, em madeira, metal, faiança e louças finas, pertencentes a diversos particulares de Angra do Heroismo.

Tal é, no rapido conjuncto que descrevemos, o por todos os motivos notavel certamen, que mais uma vez põe em destaque o trabalho agricola e industrial das formosas ilhas adjacentes, e ao qual o Occidente, publicando as gravuras de alguns dos aspectos das salas, não quiz deixar de se referir, com louvor, aos promotores de tão notavel manifestação de trabalho, feita na ilha Terceira, no actual momento historico.

Ribeiro Christino.

A nova Igreja Paroquial dos Anjos

Foi solemnemente inaugurada no dia 12 do corrente a nova igreja paroquial dos Anjos, erecta na Avenida Almirante Reis, em substituição do antigo templo, que foi demolido para a abertura da avenida D. Amelia, cuja denominação a camara agora mudou para aquelle nome, em homenagem á memoria do caudilho da Republica.

Do que era o antigo templo e paroquia dos Anjos, uma das mais antigas de Lisboa, já esta revista tratou a pag. 19 do vol. XXXI de 1908, elucidando sobre a sua historia e publicando gravuras.

O novo templo foi delineado pelo arquiteto da Camara Municipal, sr. José Luiz Monteiro, que teve de sujeitar as suas dimensões e disposição interna ás da antiga igreja, a fim de aproveitar toda a obra de talha dourada e quadros que revestiam esta, para aplicar á nova.

Não obstante esta sujeição, o sr. Monteiro conseguiu dar ao novo edificio certa elegancia que o outro não tinha, muito especialmente no exterior, cujas linhas geraes são de melhor arte, sobre motivos da ordem jonica.

Para o bom efeito do novo templo acresce a circumstancia de estar em um largo desafrontado, o que não acontecia ao antigo, e que melhor ficará ainda quando a camara ajardinar o espaço em volta, como está projetado, sendo bom que lhe não ponha grades, para que o publico mais livremente o possa gosar.

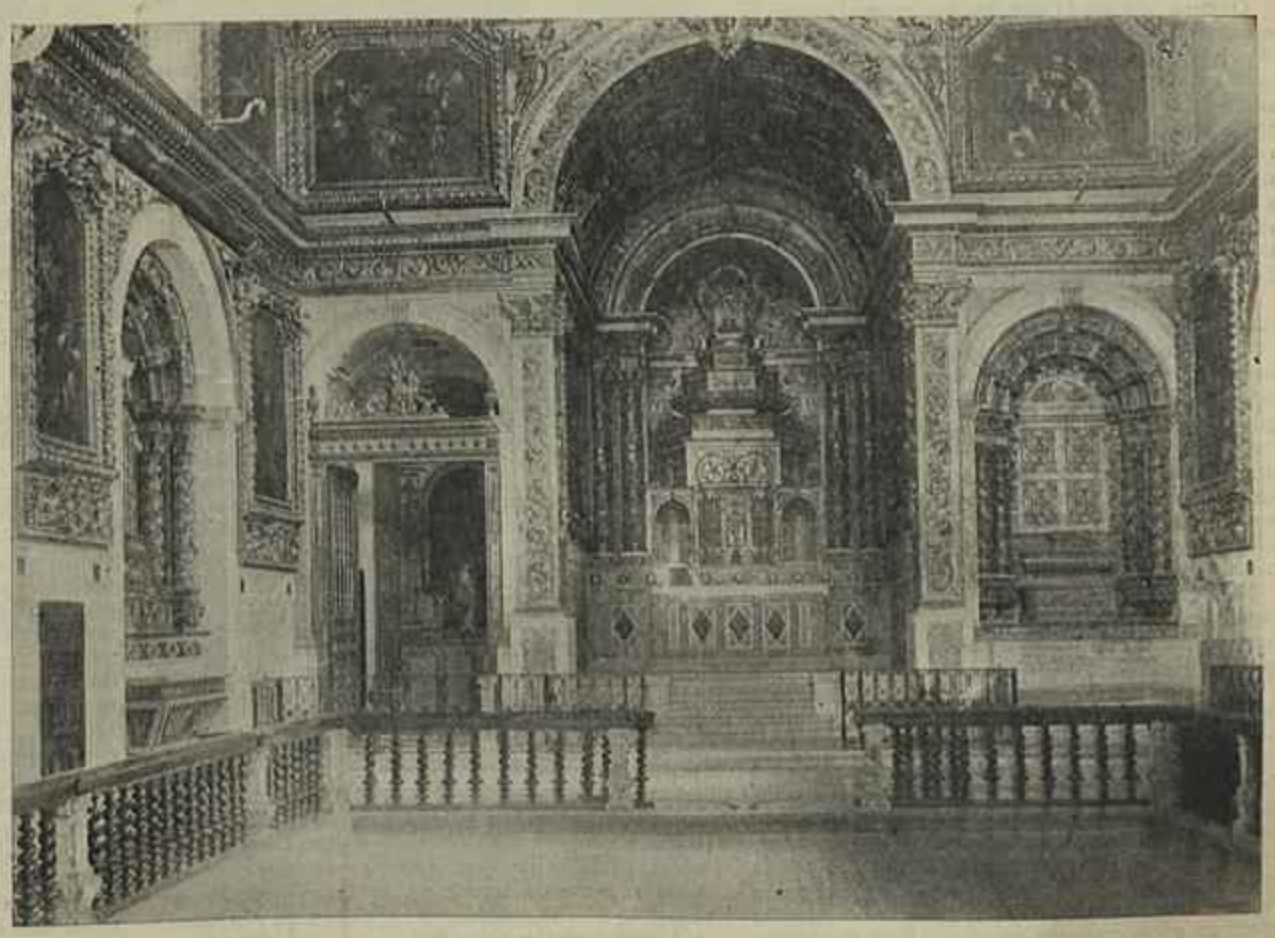
A igreja é abundantemente illuminada por tres amplas janellas do côro e outras tantas lateraes. A capela-mór assim como o camarim e trono é todo em talha dourada.

Entestando com a capela mór, ao lado do Evangelho, é a capela do Sacramento, e do lado da Epistola um altar. Mais tres altares por banda todos tambem de talha dourada, a qual reveste as paredes e faz moldura a quadros a oleo, alguns de certo merecimento. No côro observa-se a mesma talha e é seguramente uma das melhores peças da igreja.

Ao fundo do edificio fôram construidas as oficinas, as quaes comunicam com uma vasta sala de entrada servida por duas portas lateraes. A' esquerda, ficam a sacristia paroquial e o cartorio; á direita as sacristias das irmandades e ao centro destas dependencias uma pequena casa de abobada, que serve de casa forte.

O pavimento superior tem egualmente uma sala de espera, que corresponde á de baixo; á esquerda uma espaçosa casa de despacho, com columnas douradas, e no této a imagem da Senhora dos Anjos, pintada a oleo, cercada por uma moldura dourada.

O novo templo foi mandado fazer a expensas da Camara Municipal de Lisboa.



Vista interior da nova Igreja dos Anjos

COLONIES PORTUGAIS

Les Organismes Politiques Indigènes

por

A. L. de Almada Negreiros

Paris

Mais um volume da melhor propaganda nacional, e da melhor applicação de faculdades productivas de um contemporaneo que nos honra.

Almada Negreiros tem dado á estampa successivas obras de identica natureza, pondo em evidencia o valor colonial do nosso paiz e a superioridade moral da nossa raça, verificada por documentação inconfundivel.

O presente volume abrange duas partes: *Régime administratif des premières colonies portugaises au point de vue du statut des indigènes,*

e *Organismes indigènes administratifs et politiques actuels.*

E todo este suggestivo texto se desdobra em diversos capitulos de boa synthese, amplamente elucidados por notas e citações do maximo interesse originario, tanto quanto opportuno.

Permittam os leitores que, no proprio colorido captivante da lingua franceza de que, acertadamente, faz uso o auctor n'esta materia em que importa divulgar as verdades de nossa administração ultramarina perante o estrangeiro, permittam, repito, que assim registe n'estas columnas uma bella pagina do auctor, não desmentida pelos factos da Historia:

«Le Portugal, pays maritime par excellence, avait trouvé sa véritable voie— la route glorieuse de son merveilleux avenir. Cerné de presque tons côtés par une puissance avec laquelle il ne cessait de vivre en mauvaise intelligence, il ne lui restait, pour s'épanouir, qu'à reculer ses frontières du côté de l'Océan.

C'est ainsi qu'après le rêve épique et grandieuse de l'Inde, le Portugal mena à bien la féconde entreprise du Brésil. Anjourd'hui, il peut encore contempler, avec orgueil, ces œuvres colossales qui s'appellent: San-Thomé, Angola, Mozambique.

C'est du Brésil, — disons-le de suite, quitte à sortir un instant du cadre de cet ouvrage, — que viennent, encore aujourd'hui, aux Portugais, non seulement le numéraire qui alimente les finances nationales, mais la plus haute renommée du nom Portugais. Le caractère portugais se trempe, s'affine, au Brésil. Certains des hommes politiques et des savants portugais les plus considérables sont nés au Brésil, ou y ont fait leur carrière. Mieux encore, — ils procèdent de la grande et belle souche luso-américaine, où la fécondité du sol n'a d'égale que la fécondité de l'esprit. Jamais l'empreinte d'une grande race ne persévera avec autant d'intensité dans un pays lointain.

Si le Portugal n'avait enfanté que le Brésil, il n'en serait pas moins un des premiers parmi les grands pays colonisateurs du monde moderne. Le rêve majestueux de l'Inde; la réalité tangible et grandieuse du Brésil;—sans parler des autres créations coloniales du Portugal;— ont fait de ce pays l'architect immortel de la colonisation contemporaine.»

E' azado este momento, para pedir aos nossos dirigentes que ponham de parte, em absoluto, o viciado e erroneo systema antigo de governar do Terreiro do Paço as colonias portuguezas.

Hoje, n'este seculo glorioso, em que a Sciencia e o Trabalho já se acham de posse do legitimo sceptro do mundo, o unico dominio acceitavel e rasoavel é o da instrucção e educação local, baseado em alliança de interesses justos com sympathias adquiridas sem actos de fraudulencia.

Occupamos ainda um dos primeiros logares de escala na lista dos paizes coloniaes, e em nome da civilisação bem entendida, dos progressos consummados, das conquistas do direito e até em nome das sombras dos portuguezes de lei que têem sabido engrandecer a patria sem depredações e esmagamentos de casta alguma, cumpre-nos a missão de manter e conservar, em ordem a uma natural emancipação futura de que hajam de advir á metropole do presente seguras garantias de relações perduraveis e testemunhos inconfundiveis de caloroso affecto.

Economicamente falando, afigura-se-me ser tempo de cada colonia provêr de recurso as suas proprias necessidades, o que, talvez, fôsse mais consentaneo com os genuinos preceitos de moralidade e com a prova estatistica de orçamentologia irreprehensivel e authentica.

O volume *Les Organismes Politiques Indigènes*, provocou em mim as considerações precedentes, que eu não apresento como critica sentenciosa nem como conselho experiente, por me faltar para tanto a indispensavel auctoridade inconcussa.

Não visitei nunca as colonias portuguezas nem jamais exerci funcções que me habilitassem a entrar, de causa, no plano de administrações ultramarinas.

No que escrevo a esse proposito, sou mero reflector de leituras, de audições e de raciocinios, meus e alheios.

Entretanto, ha pontos que tenho assentes como de inexcedivel doutrina, e um d'elles é, que o direito deve regular em tudo a interferencia livre no seio das sociedades humanas.

A' maturação completa urge que corresponda uma carta de alforria perfeita, e para que se torne viavel a concessão d'esta, impõe-se aos corpos de governo a concernente preparação de elementos relativos a tal fim equitativo e de justiça.

Não derivam d'ahi fatalidades de enfraquecimento, antes pelo contrario: promanam razões que approximam, apertam-se laços duvidosos, transmutam-se, de egual para egual, capitaes que quintuplicam.

As colonias, portanto, que subsistem do imperio portuguez de outr'ora, devem, na actualidade, ser captivadas por processos rigorosamente honestos de valorisação pratica e aos seus habitantes cumpre insinuar o sentimento do amor fraternal por principios e exemplos de pura democracia.

Só esta eleva os seres humanos ao alto conceito da dignidade soberana, e afasta de cada povo o grave perigo de absorpções funestas.

O povo, que circumstancias felizes colloca em superior posição, deve chamar a si o que lhe é inferior em categoria social, descendo a nivelar-se com elle por suave compenetração de intelligencia, affeiçoal o por assimilação consciente, e nunca violentando aquelles que não têem culpa de estacionamento barbaro, n'um meio selvagem ou primitivo.

De Portugal, colonisador, dizem, felizmente, muitos documentos honrosos. O que, porém, nem sempre ha valido como especie modelar, é a escolha de funccionarios e o expediente governativo.

Chegou a hora em que novas instituições pedem novas fórmas dirigentes, e em que é da maxima conveniencia politica estabelecer para todos uma linha de conducta incompativel com a infiltração do abuso e com a simultanea permissão tacita do escandalo.

A administração das colonias requer, acima de quaesquer considerações, competencia de facto, prudencia methodica, rectidão inabalavel, juizo claro e permanencia larga.

Assim, poderemos ter a certeza de que os males de que enfermamos, nós e ellas, serão cortados pela raiz, e que vingará na metropole e no ultramar uma politica rasgada de rejuvenescimento e de liberdade.

21-1.º-911.

D. Francisco de Noronha.

NECROLOGIA

Antonio Gonçalves da Cunha Taborda

O regente da Guarda Republicana, antiga Municipal, o maestro Taborda, como era conhecido, morreu no dia 4 do corrente, na sua residencia da travessa de S. Domingos, cerca das 11 horas da manhan, hora a que se rendia a guarda do quartel general, instalado no palacio dos Almadas.

Conta-se que o distinto maestro, já nos paraxismos da morte, ouviu a sua banda tocar e aplicando bem o ouvido, foi maquinalmente marcando o compasso com a mão.

Antonio Gonçalves da Cunha Taborda

E' comovente esta coincidencia, e crêmos que aquella alma de artista mais suavemente se evolou assim nas regiões de um ideal feliz.

A Arte tem destas coisas, e especialmente a musica, pela grande influencia que exerce no sistema nervoso.

O grande violoncelista Sergio da Silva, sem irmos mais longe, e só ao que nos ocorre de momento, tambem, no delirio da doença que o matou, fantasiava no seu violoncelo as mais extraordinarias melodias com que saudou a morte!

Taborda tinha a paixão da musica e dedicou-lhe todo o seu amor. Tendo nascido em Cascaes a 27 de maio de 1858, aos 13 annos assentou praça de aprendiz de musica, e aos 24 annos de edade era promovido por distinção a mestre da banda de infantaria 7.

Esta simples nota diz tudo do seu talento musical. Transferido, por morte do maestro Gaspar, para regente da banda da, então, Guarda Municipal, é elle o continuador da obra do seu notavel antecessor, e a sua banda é a que triunfa em toda a parte que se apresenta, até nos certamens a que concorre em Espanha, onde é premiada e vitoriada, como aconteceu no concerto que deu em San Sebastian, em que D. Affonso XIII o condecorou com a Ordem Civil. O mesmo soberano o agraciou com a ordem artistica de Isabel a Catolica, por ocasião de executar a sua valsa *Miragem*, num concerto real organisado em Espanha e que conquistou o primeiro premio.

Antonio Gonçalves da Cunha Taborda foi distinto alumno do Conservatorio de Lisboa.

São muitas as suas composições de que apenas citaremos as mais notaveis, como: operas *Reliquia* e *Dinah*; opereta *Os noivos de Margarida*; revista *Da Parreirinha ao Limoeiro*; marchas graves e ordinarios *Bonne Chance*, *A mon père*, *Cruz Vermelha*, *Bandeira*, etc.

Por varias vezes dirigiu concertos em que tomaram parte todas as bandas militares da guarnição.

Era, emfim, um artista consumado e consagrado pelo grande publico, que tinha por elle a maior admiração e simpatia.

Jesuina Marques

O teatro português perdeu uma das suas melhores actrizes da velha guarda, Jesuina Marques, que faleceu em 22 de fevereiro, ultimo, tendo representado ainda em 20 de janeiro, isto é, um mez antes, no teatro do Gimnasio, na peça *Ir a Roma*...

O teatro do Gimnasio foi para ella o palco onde mais se afirmou o seu talento de actriz, aquelle onde mais aplausos colheu, nas creações dos extraordinarios tipos comicos das peças de Gervasio Lobato, como fôram o *Comissario de Policia*, o *Em boa hora o diga* e outras que encheram as ultimas epocas mais brilhantes daquelle teatro, com o actor Valle, o extraordinario comico dos nossos tempos.

Jesuina Marques

Jesuina Marques foi toda uma vida dedicada ao teatro, pois desde creança entrou no palco principiando por teatros particulares.

Sousa Bastos, no seu *Diccionario do Teatro Portuguès*, diz que Jesuina Marques nasceu em Lisboa a 20 de abril de 1850, e que começou por bailarina, indo depois cursar o Conservatorio. Entretanto é certo que Jesuina Marques antes de entrar para aquella escola já representara em um teatrinho particular, na rua de S. Bento, a comedia *A visinha Margarida*, e revelando a sua boa disposição para a cena, continuou em outros teatros particulares até entrar para o Conservatorio, onde, sob a direcção de Duarte de Sá, se habilitou a fazer sua estreia de artista, no teatro de D. Maria, na comedia *Duas lições numa só*, alcançando o seu primeiro triunfo.

Naquelle teatro continuou, representando nas peças *Estroinas*, *Fernanda*, *Minard & C.ª*, *Casa nova*, *Redeas do Governo*, *Maria Antonieta* e outras, sempre com grandes aplausos das plateias.

Em 1870 passou para o Gimnasio e neste teatro, se póde dizer, fez sua grande e notavel carreira, não obstante o ter engordado com a edade, do que até tirou partido, como uma das caracteristicas mais distintas do nosso teatro.

Representou tambem no teatro da Avenida e no da rua dos Condes, com o actor Valle.

Vimo-la representar até no teatro do Rato onde seguramente a sua paixão pelo palco a levou, e não menos a vontade de trabalhar, que era nella uma virtude.

Mas depois destas pequenas deserções, voltou ao Gimnasio, e ali fez parte da companhia de Valle, nas ultimas epocas, chegando a ir tambem com a mesma companhia ha dois annos ao Brasil, onde fez farta colheita de aplausos, justa homenagem aos seus talentos artisticos.

A casa submarina

POR

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1159)

— A gente de Czerny não nos tocará — observei, — a razão é clara e não precisa explicações. Se houver alguma morte hoje, será a bordo do yacht quando a sua gente tentar subir para bordo. Vejam, rapazes, ali, ha cento e vinte homens, pelo menos, n'aquellas lanchas, que rodeiam o barco. Quem lhes dará de comer e abrigo? Poderão ir até á ilha e dançar á vontade ou dormir o somno da morte, mas não são homens que estejam resolvidos a isso, a julgar pelo que lhes vimos fazer. Não, não quererão que Czerny mangue com elles. E se se levantar um pouco de vento... sabe Deus se algum d'aquelles homens verá o dia de amanhã. Não te alegram estes rouxinoes, Peter? Ali na praia ha gente a salvar e que havemos de salvar.

Peter respondeu, cheio de fé nas minhas palavras:

— Vamos a isso!

O somno desappareceu completamente dos seus olhos e poz-se a meu lado como tantas vezes fizera a bordo do *Cruzeiro do Sul*, a ler os signaes e a dizer em voz alta:

— Oito homens, uma mulher e uma lancha; ha enfermos e não teem armas; querem saber se devem embarcar agora ou esperar pela noite. Capitão, diga o que se deve fazer.

— Que venham já, que venham já! Para que lhes serve a escuridão da noite? Podem por acaso viver no meio do nevoeiro fatal? Se Czerny os assassinar no mar, será mais um crime por que terá de responder quando chegar o seu dia. Que venham, Peter, e que Deus os ajude!

Emquanto falava, ia gesticulando com os braços, como se os quizesse trazer rapidamente para o pé de mim.

Até então, tinham-se contentado em responder aos signaes, mas, de repente, deixaram de os fazer, e um objecto negro, fluctuando sobre as ondas proximas da praia, me revelou que haviam lançado a lancha ao mar, embarcando todos, não se importando com o perigo que corriam.

Um grito de Dolly, fez-me voltar a cabeça e dirigir a vista para o yacht, percebendo então que as lanchas largavam, á força de remos, para terra e que traziam talvez um pensamento de morte. E' que havia chegado a hora em que romperiam deffinitivamente as hostilidades e declarariam abertamente, diante de nós, a sua guerra contra a humanidade.

— Preparem a metralhadora e estejam a postos! — disse para os meus companheiros. — Preparem a musica que vai começar o baile! Já os tens ao alcance do tiro, Dolly, ou tens que esperar ainda? Não ha tempo a perder, rapaz, se queres salvar essa gente.

Dolly não respondeu e começou a sua tarefa, preparando o canhão e fazendo a pontaria ás lanchas que avançavam carregadas de bandidos.

Se não disparou logo, é porque não tinha bem a certeza de estarem ao alcance, e suspeitava de que os piratas, indo para O., cahissem sobre os naufragos e tomassem novo rumo, troçando d'esta maneira de nós.

Os marinheiros que vinham da ilha, remavam com toda a alma, comprehendendo que era um jogo de vida e de morte em ganhar avanço aos seus inimigos, e só os acontecimentos poderiam dizer se nós lhes valeriamos, ou teriamos de os vêr perecer sem lhes poder prestar auxilio. Metro a metro, trabalhosamente, iam avançando até á nossa rocha, e metro a metro, os tripulantes facinoras iam tambem ganhando vantagem sobre elles. Dolly permanecia immovel; o canhão não alcançava ainda o sitio onde estavam os piratas.

Não se podia imaginar situação mais cruel, nem maior anciedade da nossa parte!

Era como se estivessemos permittindo que se degolassem á nossa vista, aquelles desgraçados.

— Faz fogo, Dolly, faz fogo! — gritei pela ultima vez. — Faz fogo, pelo amor de Deus!... Vais vêr como os matam á tua vista!

Dolly firmava a pontaria, fazia girar a peça d'um lado para o outro, mas não disparava, porque comprehendia ser uma tolice fazel-o.

— Não posso! — disse desesperado por ter de confessar-m'o — o canhão não serve para nada; é cruel, capitão, é terrivel ter de assistir a esta scena... mas estão a meia milha além do alcance do tiro! E os outros já largaram os remos! Veja, um dos naufragos caíu para dentro do barco, desfalecido... outro toma o lugar...

Tão certo como hoje estar vivo, que o que Dolly dizia era verdade!

A lancha dos naufragos parecia abandonada e vogar com a maré, emquanto um dos barcos dos Czerny, que se adiantára mais aos outros, quasi tocava com ella.

— Acabou-se! — gritou Peter, atroando os ares com uma praga. — Acabou-se tudo por uma vez! Deus se compadeça d'elles! Não conseguirão chegar até aqui!...

Assim o julgámos todos. Os naufragos estavam irremediavelmente perdidos. Os piratas tinham aberto as navalhas para começar o massacre. Não havia auxilio humano que se lhes pudesse prestar, e assim o disse em voz alta, mas, ao dizel-o, outra voz vinda do alçapão aberto atraz de mim, deu o desmentido a Peter Bligh e annunciou que se estava operando um milagre.

— Aquelles selvagens é que precisam das orações de Peter... reparem, rapazes!... os marinheiros de Czerny estão-se afundando...

Voltei-me então e dei de cara com Seth Barker, a quem havia dado ordem de guardar a galeria inferior da casa.

Perguntei-lhe por que tinha abandonado o seu posto, mas o que me disse fez-me dar um salto o coração.

— Estão batendo fortemente lá em baixo e ouvem-se vozes extranhas; Mr Gray diz que não ha perigo, mas em todo o caso, capitão, é conveniente saber o que ha, ainda que não seja de suppôr que passem adiante, nem que, pelos meus calculos, abandonem as machinas.

— Mr. Gray disse isso? — perguntei assustado.

— Se as machinas páram, seremos uns homens mortos, pois nos faltará o ar, segundo diz o doutor.

— Ah!... então, descancem que não páram, porque está aqui um homem que desfará a tramoia, ainda que sejam vinte homens.

Seth Barker vinha-me transtornar os pensamentos com as suas palavras, e agora via que os perigos nos cercavam por todos os lados, e o desenlace final, seria o peor de imaginar.

Se alguma satisfação podia ter n'este momento, era com o que via no mar, onde o bote dos bandidos de Czerny, arrastado pela corrente, se afundava a olhos vistos.

— Aborreceram-se — gritou Peter, lançando um juramento tremendo — vão para o inferno direitinhos, e com elles vá a minha maldição! Não ha salvação possivel para estes bandidos.

Contemplavamos em grupo o que então se passava.

(Continúa.)

RICARDO DE SOUZA.

N'uma escola de adultos:
— Conjugue o verbo amar.
— Com quem?
— Comsigo mesmo.
— Não faço isso, acho muito feio!

O MEZ METEOROLOGICO

Fevereiro 1911

Barometro. — Max. altura 776mm,2 em 16.
» Min. » 757mm,7 em 1.
Termometro. — Max. altura 19º,2 em 26.
» Min. » 3º,8 em 6.

Algum frio até 10, temperatura normal até 16, e um pouco elevada a partir d'esse dia, com maximas sempre superiores a 15º.

Nebulosidade. — Céu limpo ou pouco nublado 13 dias.
» Nublado 13 dias.
» Encoberto 2 dias.

Chuva — 37mm,9 em 4 dias.
Nevoa — Em 27.

Errata

No artigo A mão d'obra em S. Thomé, publicado no ultimo n.º 1159, a pag. 53, linha 45 da 2.ª col.ª, onde se lê Davison, deve lêr-se Navison.

A festa da arvore em Lisboa

Por vezes nos temos aqui referido ao culto da arvore, desde que ha dois annos se realisou, em Lisboa, a primeira plantação de arvores feita por creanças das escolas, na Avenida da Liberdade.

Este anno a festa foi mais solemne, não só pelo maior numero de creanças que a ella concorreu, mas ainda pelo concurso de musicas e por uma sessão solemne na grande sala Portugal da Sociedade de Geografia, em que tomaram parte oradores como Magalhães Lima, Abel Botelho e ministro dos estrangeiros sr. dr. Bernardino Machado, que discursaram com eloquencia e brilho ao numeroso auditorio, que contava mais de duas mil creanças, por mais não caberem na sala.

A festa, preparada pela Liga Nacional de Instrução, teve o melhor resultado.

Por uma linda manhan de sol, de domingo 5, toda a Avenida da Liberdade apresentava alegre aspeto, povoada de milhares de creanças das escolas primarias, com suas bandeiras, e coros cantando a *Sementeira*, respiravam vida e animação extraordinaria.

As creanças procederam entusiasmadas á plantação de uma laranjeira no talhão da Avenida, á embocadura da rua do Salitre, o mesmo talhão, onde em tempos se lançou a primeira pedra para um monumento a Fontes Pereira de Mello, que

A Festa da Arvore, em Lisboa

Um aspeto da Avenida da Liberdade na festa da Arvore

ficou por ali. Esse talhão devia entestar com uma projetada rua a abrir até ao Jardim Botanico da Escola Politecnica.

Foi ao som das musicas que tomaram parte na festa, e dos cantos infantis de milhares de bocas rosadas que se plantou a laranjeira, cujos dourados pomos pendiam de seus verdes ramos.

Ainda bem que se encaminha a infancia no culto e respeito da arvore, a grande amiga do homem. A arvore que desde os primitivos povos teve o seu culto, pela utilidade que tem, pois sem ella não teriamos habitação confortavel, mobiliario commodo, em nossos domicilios, lenha para a cosinha e para nos aquecer, e uma infinidade de artefatos, para que ella fornece a materia prima, das suas folhas, das suas fibras e da sua seiva.

São ainda as grandes florestas, subterradas pelas convulsões scismicas, que petrificaram e queimaram os robles colossaes, que fornecem esse principal combustivel para as potentes maquinas, o carvão de pedra, que é a riqueza da Inglaterra.

Como a arvore assim oculta nas entranhas da terra é o grande motor do progresso!

E comtudo, triste é dizel-o, a arvore em nosso país, está bem longe de merecer ao povo o respeito que lhe é devido! A indiferença é tal, desprezo até, que é vulgar os homens do campo destruirem as arvores que as autoridades mandam plantar ás orlas das estradas, só pela preocupação de que façam sombra ás terras de semeadura. Assim nos campos como nas cidades, onde pelo mais futil motivo se derrubam arvores, para não tirarem a vista ás janellas, ou para armar coretos ou barracas, como ainda não ha muitos annos se praticou no Rocio por ocasião de qualquer festa publica, que não vem para o caso saber e não envergonhar quem ordenou semelhante atentado.

Benemeritos são os que hoje se empenham em educar as creanças no culto e respeito á arvore, o que representa um passo importante na civilisação deste bom povo.

Creanças das escolas, na festa da Arvore

COUTO ALFAIATE

Novas installações d'este atelier

Este atelier que por muitos annos esteve na rua do Alecrim, está montado com todos os requisitos modernos, e sortido com as ultimas novidades de Paris e Londres.

RUA DO LORETO

Entrada pela Rua da Emenda, 118, 1.º (á Praça Luiz de Camões) — **LISBOA**

TELEPHONE 1815

Casa de Saude Portugal e Brazil

Estrada de Bemfica (Bairro Heredia)

Recebe doentes de medicina e cirurgia que se podem tratar **com medicos de sua escolha** e fazer-se acompanhar de pessoas de familia.

Secção especial de **doenças nervosas,** dirigida pelo professor EGAS MONIZ.

Teleph. 65 (BEMFICA)

O director gerente: **Dr. Gomes de Amorim**

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca em todos os estabelecimentos

CHOCOLATE—CAKULA

Novo producto reconstituinte e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Collegio Francêz — **Instituto primario e secundario**

Anctorisado por Alvará Regio de 25 de julho de 1904

Rua de Nossa Senhora do Resgate, 6 (Avenida D. Amelia)

LISBOA

EDIFICIO PROPRIO E ESPECIALMENTE CONSTRUIDO PARA COLLEGIO

Matricula permanente de alumnos internos, semi internos e externos, em todas as classes de instrucção primaria, curso dos lyceus, curso pratico do commercio, gymnastica, esgrima, musica, dança, etc.

Achando-se este instituto installado em edificio, que foi propositadamente construido para collegio, as suas condições satisfazem todas as exigencias da pedagogia e hygiene moderna. Dispõe de vastissimas aulas, amplos e arejados dormitorios, magnifico refeitorio, casa de banho com todas as commodidades e um excellente parque para recreio dos alumnos.

O corpo docente é composto dos mais auctorisados professores e os magnificos resultados dos exames, todos os annos são a mais segura garantia da nossa solicitude e escrupulo na escolha do professorado.

Enviam-se pelo correio prospectos do collegio, regulamentos e tabella das refeições.

O director e proprietario — ALFREDO DA COSTA E SILVA (Nomeado director por Alvará de 28 de dezembro de 1903)